



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

MICHELE ALVES DA SILVA

CONCEIÇÃO: A MULHER E AUTORIA FEMININA EM *O QUINZE*, DE RACHEL DE QUEIROZ

CAJAZEIRAS - PB

2023

MICHELE ALVES DA SILVA

CONCEIÇÃO: A MULHER E AUTORIA FEMININA EM *O QUINZE*, DE RACHEL DE QUEIROZ

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciatura em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Lígia Regina Calado de Medeiros Nóbrega

CAJAZEIRAS - PB

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

S586c	<p>Silva, Michele Alves da. Conceição: a mulher e autoria feminina em <i>O Quinze</i> de Rachel de Queiroz / Michele Alves da Silva. - Cajazeiras, 2023. 46f. Bibliografia.</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Lígia Regina Calado de Medeiros Nóbrega. Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2023.</p> <p>1. Análise literária. 2. Rachel de Queiróz. 3. Conceição – romance literário. I. Nóbrega, Lígia Regina Calado de Medeiros. II. Título.</p> <p>UFCG/CFP/BS CDU – 82.09</p>
-------	--

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

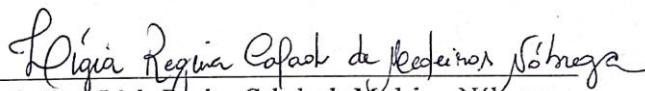
MICHELE ALVES DA SILVA

CONCEIÇÃO: A MULHER E A AUTORIA FEMININA EM *O QUINZE*, DE
RACHEL DE QUEIROZ

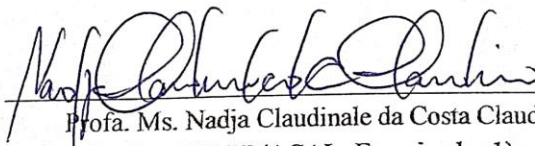
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras/Língua
Portuguesa, do Centro de Formação de
Professores, da Universidade Federal de
Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras -
como requisito de avaliação para obtenção
do título de licenciatura em Letras.

Aprovado em: 20/06/2023

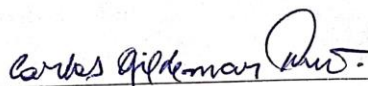
Banca Examinadora:



Prof. Dra. Lígia Regina Calado de Medeiros Nóbrega
(UAL/CFP/UFCG - Orientadora)



Prof. Ms. Nadja Claudinale da Costa Claudino
(SEECT-PB/ACAL- Examinador 1)



Prof. Dr. Carlos Gildemar Pontes
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 2)

Ao meu irmão Fabiano e à minha sobrinha
Ellen Beatriz (*In memoriam*), por me ensinarem
o sentido da vida.

Para sempre, **DEDICO.**

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser a minha fortaleza e por me dar força e coragem para continuar em busca dos meus sonhos.

Aos meus pais, Antônio e Maria das Graças, por estarem ao meu lado em todos os momentos importantes e por sempre acreditarem em mim.

Ao meu marido, Odanilo Roberto, pelo incentivo, cuidado, amor e ajuda nas rotinas de estudo.

À minha querida orientadora, Dra. Lígia Regina Calado de Medeiros Nóbrega, por me guiar nesse trabalho e por me ensinar tanto nesses últimos meses.

Ao meu irmão, Diógenes, por ser espelho de sabedoria em minha vida.

À Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), em especial aos professores da Unidade Acadêmica de Letras (UAL), pelo acolhimento, ensinamento, mas sobretudo, pelo lecionar com amor.

Às minhas amigas, Alanaíza, Jackeline, Lahrra, Hellen e Raquel, por tornarem os meus dias na academia mais leves e prazerosos.

Aos meus amados gatos, por me acompanharem nas leituras e desenvolvimento desta pesquisa.

“Mas nas horas de tempestade, de abandono, ou solidão, onde iria buscar o seguro companheiro que entende e ensina, e completa o pensamento incompleto, e discute as ideias que vêm vindo, e compreende e retruca às invenções que a mente vagabunda vai criando?”

(Rachel de Queiroz)

RESUMO

No decorrer de 1930, a literatura brasileira é marcada pelo surgimento de um debate social bastante característico em romances de contexto regional e é nesse período que Rachel de Queiroz faz sua estreia com o romance *O quinze*. A obra, que é identificada inicialmente pela tentativa de se manter fiel à linguagem e aos costumes da região cearense, surpreende diversos críticos por revelar uma escrita de autoria feminina. Desse modo, no ímpeto desejo de contribuir para o crescimento da pesquisa de obras literárias femininas e tendo em vista os grandes desafios enfrentados pela mulher ao longo do século XX, como o acesso à educação, ao ensino superior e ao direito de votar e ser votada, o presente trabalho tem como objetivo principal compreender como ocorre a evolução social da mulher, bem como o papel por ela representado através do trajeto da personagem Conceição. Objetivamos analisar como se dá a construção da heroína do romance *O quinze*, que embora esteja inserida em uma sociedade com bases patriarcais, se apresenta como uma mulher em escala de emancipação. Para tanto, adotamos uma metodologia de origem bibliográfica e natureza qualitativa. A nossa pesquisa encontra-se fundamentada nas discussões de Bosi (2006), Coutinho (2004), Castello (2004), Pinto (2003), Woolf (2019), Duarte (2017), Medeiros (2010), entre outros pesquisadores que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Constatamos, portanto, que o envolvimento de Conceição desde cedo com os livros moldaram a sua identidade, o que a fez iniciar rompimentos com certos paradigmas da época. Isto representa relativa independência para a personagem, no texto, bem como permite a narrativa alcançar, por sua vez, avanços para o que se defende em autoria por conquista de uma autonomia para as mulheres, escritoras, incumbidas também de discutir os problemas sociais comuns do seu e de outros tempos.

Palavras-chave: Literatura. Autoria feminina. Rachel de Queiroz. Conceição.

ABSTRACT

During 1930, Brazilian literature is marked by the emergence of a very characteristic social debate in novels of regional context and it is in this period that Rachel de Queiroz makes her debut with the novel *The fifteen*. The work, which is initially identified by its attempt to remain faithful to the language and customs of the Ceará region, surprises several critics for revealing a female author's writing. Thus, in the desire to contribute to the growth of research on women's literary works and in view of the great challenges faced by women throughout the twentieth century, such as access to education, higher education and the right to vote and to be voted for, the present work has as its main objective to understand how the social evolution of women occurs, as well as the role they play through the trajectory of the character Conceição. We aim to analyze the construction of the heroine of the novel *The fifteen*, who, despite being inserted in a society with patriarchal bases, presents herself as a woman on a scale of emancipation. To this end, we adopted a methodology of bibliographical origin and qualitative nature. Our research is based on the discussions of Bosi (2006), Coutinho (2004), Castello (2004), Pinto (2003), Woolf (2019), Duarte (2017), Medeiros (2010) among other researchers who were fundamental for the development of this work. We found, therefore, that Conceição's early involvement with books shaped her identity, which made her initiate breaks with certain paradigms of the time. This represents relative independence for the character, in the text, as well as allows the narrative to achieve, in turn, advances for what is advocated in authorship for the achievement of an autonomy for women, writers, tasked also with discussing the common social problems of their and other times.

Keywords: Literature. Women authorship. Rachel de Queiroz. Conceição.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O FEMINISMO NO BRASIL	14
2.1 DA EDUCAÇÃO FEMININA NO BRASIL AO PIONEIRISMO DA ESCRITA.....	19
2.2 A MULHER PERSONAGEM E A MULHER ESCRITORA.....	25
3 A CHAMADA GERAÇÃO DE 30 E O ROMANCE DA SECA NO NORDESTE.....	29
3.1 RACHEL DE QUEIROZ, PRODUÇÃO E ALGUMA CRÍTICA	32
4 MULHER E REPRESENTAÇÃO EM CONCEIÇÃO DE <i>O QUINZE</i>.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

Durante a década de 1930, a literatura brasileira passa por um período de inquietação social, considerando o contexto histórico em que o Brasil vivia na época, determinado pela crise cafeeira do Sudeste do país e as denúncias advindas de um Nordeste, supostamente decadente. Em arte literária, há que se considerar o encaminhamento para uma segunda fase do Modernismo brasileiro, favorecida por um novo olhar mais politizado em literatura e que buscava dar relevância em obras do período a temáticas de interesse da sociedade como a seca, a fome, o cangaço, entre outros. Essa época de produção se tornou conhecida como *Romance de 30*.

É nesse cenário que aparece Rachel de Queiroz, com seu primeiro romance, *O quinze*, revelando nela, e já nessa estreia, uma escritora formada. A obra da autora, como ponto de partida, é marcada pela procura numa fidelidade de linguagem, paisagem e costumes da região cearense. O romance pode ser dividido em dois planos. No primeiro plano, é apresentado a história da impossibilidade do amor entre a professora Conceição e o seu primo Vicente. Em segundo plano são relatados os momentos tristes e sofridos da família do vaqueiro Chico Bento, com sua esposa Cordulina, seus três filhos e a cunhada, que fogem da seca em busca de uma vida melhor. A princípio Rachel de Queiroz em sua produção artística dava seguimento também ao que se convencionou chamar de *literatura das secas*, suas obras recebendo, nessa especificidade, um forte impulso de debate com os problemas sociais brasileiros.

Quando escreveu *O quinze*, em 1930, a escritora tinha apenas dezenove anos, ainda mais jovem do que a professora do seu romance. Esse acontecimento surpreendeu diversos escritores pela capacidade de uma escrita literária advinda de alguém tão jovem e ainda por cima mulher. Desse modo, tinham-se dois feitos, a despertar a atenção: de um lado uma mulher tão pronta fazendo literatura; e do ponto de vista ficcional, outra jovem mulher lendo os mais variados tipos de literatura. Algo de fato incomum para as moças daquele período a que se refere.

Com perspicácia e delicadeza, Rachel de Queiroz, como já mencionado, escreve um romance rico em detalhes, abordando problemas sociais e culturais da região Nordeste. Ocupada, ainda, em demonstrar preocupação diante da posição da mulher na sociedade, ela cria uma personagem livre para pensar e exercer suas próprias decisões, como é o caso de Conceição, protagonista do romance, em estudo, uma moça independente, envolvida em causas sociais e que não tem o casamento como prioridade. Conceição é a personagem que mais se

diferencia das outras ao longo da narrativa e, por vezes, acaba até sendo vista como *estranha* em relação às outras mulheres da época.

No decorrer deste trabalho, busca-se compreender como se dá a representação da mulher e o papel dela em sociedade, sobretudo na literatura, através do percurso da personagem Conceição. No romance queirozeano, Conceição é uma mulher cheia de ideias, que apesar de estar inserida em uma sociedade alimentada por uma cultura excessivamente machista e de base patriarcal, torna possível o direito da mulher de realizar feitos que, até então, só podiam, ser desempenhado por homens. Podemos observar isso no seguinte trecho da obra, quando Conceição é indagada pelo seu primo Vicente por andar desacompanhada pelas ruas, algo que não era permitido às mulheres de então. Além disso, o próprio fato de Conceição estar envolvida em causas sociais pode ser considerado uma realização que não era tolerada às mulheres daquela época.

-Por que Conceição não aparece?

-Está na escola; isto é, a estas horas deve estar no Campo de Concentração.

-Fazendo o quê?

-Ela faz parte do grupo de senhoras que distribuem comida e roupa aos flagelados. (QUEIROZ, 2022, p. 81)

- Foi por causa da doença que veio só?

- Só? Eu sempre ando só! Tinha que ver, de cada vez que fosse à escola, arranjar companhia...

-Pois eu pensei que não se usava moça andar só, na cidade. (QUEIROZ, 2022, p. 83).

Desse modo, compreendemos que Conceição é uma moça envolvida em causas comunitárias e que não se deixa alienar por opiniões dos outros. Em consequência da desgraça causada pela seca, Conceição de algum modo enxerga nos livros um meio de enfrentar a realidade e buscar a si mesma. Surge assim, a figura moderna de uma moça independente, envolta em meio aos livros e por isto mesmo numa visão de mundo diferente, transgredindo paradigmas da época e se exercitando num princípio forte de autonomia para a mulher por ela representada.

Tendo em vista as grandes dificuldades enfrentadas pela mulher ao longo do século XX, como o acesso à educação, à leitura, ao ensino superior, ao voto e dentre outras coisas cidadãs, o presente estudo tem por objetivo compreender como se dá a evolução social da mulher naquela época, bem como o papel por ela representado, através do trajeto da personagem Conceição. Portanto, procuramos examinar como ocorre a construção da protagonista do

romance *O quinze*, configurada numa mulher, professora, sertaneja e nordestina, que independentemente dos impasses da época, se apresenta como uma mulher em vias de emancipação. Além de analisarmos o seu comportamento mediante a crise da seca e o repertório tradicional daquele período, ao se vê relacionada a temas como amor, família, casamento, orientações de leituras religiosas para mulheres, entre outras temáticas abordadas no decorrer da narrativa.

Cabe destacar que o desejo pelo tema, em questão, ocorreu durante as aulas da disciplina de Literatura Brasileira IV. A escolha pelo romance também está pautada no fato de ser *O quinze* uma obra brasileira e regionalista, além de escrita por uma mulher nordestina; num período em que falar de autoria feminina e liberdade de expressão ainda era tido como algo bastante peculiar. Além do mais, a narrativa apresenta a realidade do Nordeste durante um ciclo de seca, em 1915, fazendo referência à realidade social, política, cultural, ética e econômica de uma região.

O desenvolvimento desse estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, tendo em consideração a análise de uma personagem de obra literária. Para tanto, foram realizadas diversas leituras através de livros, artigos, teses, revistas, e dissertações, que colaboraram e foram fundamentais para ampliação desse trabalho. Nossa pesquisa encontra-se fundamentada nos estudos de Bosi (2006), Coutinho (2004), Castello (2004), Pinto (2003), Woolf (2019), Duarte (2017), Medeiros (2010), entre outros estudiosos que foram essenciais para a realização deste trabalho.

O presente trabalho encontra-se estruturado em quatro capítulos. De início, discutimos o feminismo no Brasil, enquanto movimento político, evidenciando seus principais acontecimentos. Em seguida, realizamos uma trajetória a respeito da educação para as mulheres, ressaltando, também, a educação feminina na literatura e o protagonismo da mulher na escrita literária. Adiante, fazemos uma leitura sobre *O quinze*, objeto de interesse para este estudo, tecendo comentários sobre o período de escrita da obra. Partindo disso, apresentamos a escritora Rachel de Queiroz, autora de destaque nessa pesquisa. No último capítulo, construímos uma análise da personagem Conceição, realçando aspectos da heroína que contribuem para a construção de uma personagem independente, ainda que se trate da representação de uma mulher na década de 1915.

2 O FEMINISMO NO BRASIL

Durante o século XIX, as mulheres eram vistas como meros objetos para a tutela de seus pais, de seus maridos e até mesmo da própria sociedade. Diziam que elas não podiam ler, escrever ou mesmo sequer pensar em publicar livros, mas podiam ter filhos. Sempre podiam ter filhos. Foram privadas de ler, escrever, passear, de opinar, de escolher.

Eram tidas como ignorantes e a elas era negado o direito do conhecimento. Se tinham o dom da cura ou qualquer outro tipo de sabedoria as chamavam de bruxas, se amavam e demonstravam eram loucas e se não amassem ninguém mereciam morrer. No século XIX, as mulheres eram privadas de qualquer tipo de liberdade, e ainda assim, não se calaram. O movimento feminista, que surgiu na Europa e Estados Unidos, se espalhou por diversos continentes, estruturando o que ficou conhecido por *feminismo organizado*.

A Revolução Francesa, que aconteceu no século XVIII, e os ideais iluministas daquela época contribuíram para alavancar o movimento, visto que já naquele período diversas mulheres se mostravam insatisfeitas com a então condição de apenas esposas e mães. Naquele tempo, o único lugar de reconhecimento reservado às mulheres era o lar. Tinham apenas duas escolhas: a vida religiosa ou o casamento. Felizmente, sempre surgia alguma ou grupo de mulheres com ansiosos desejos de romper a bolha, ao se recusar aos papéis até então para ela estabelecidos, e reclamando para si a conquista de novos direitos.

Merece reconhecimento, a propósito, a introdução crítica feminista no Brasil e, nessa perspectiva, algumas escritoras são postas em destaque, como o faz Céli Regina Jardim Pinto, historiadora, pesquisadora e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pinto (2003) ressalta que as primeiras manifestações do feminismo no Brasil, semelhante ao que ocorre em outros países, teve como fundamento a luta pelos direitos políticos. Até onde se sabe, essa causa esteve interligada ao nome de Bertha Lutz, que exerceu uma forte influência na busca de direitos ligados às mulheres. De todo modo, podemos dividir o movimento em três tendências: a primeira defende que a mulher, assim como o homem deve possuir direitos políticos. Nessa fase, a posição do homem na sociedade não é questionada e as mulheres desejavam apenas serem inseridas como cidadãs.

A segunda tendência é o que se apresenta como *fase menos comportada do feminismo*, e nela aparecem incluídas, para o debate, professoras, primeiras escritoras e jornalistas, que são a favor da educação da mulher e discutem sobre como os homens gostariam que as mulheres continuassem de fora do espaço público. Além disso, as questões exponenciadas abordam temas sensíveis para aquele período, como divórcio e sexualidade. A terceira tendência é referente às

mulheres intelectuais e trabalhadoras, que pretendem garantir os direitos das mulheres de uma forma mais radical. Essas mulheres vão abordar em seus discursos a exploração do trabalho feminino para as classes mais pobres, além de articularem palestras feministas com ideais comunistas e anarquistas.

Ainda no decorrer do século XIX, surgem mulheres que defendem o direito ao voto. Essa temática já era discutida e foi abordada na Constituição de 1891. Embora o projeto de lei não tenha sido aprovado, o texto constitucional não proibia nitidamente a mulher de votar. Isso porque, à Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (1891), apesar de garantir o direito de os cidadãos maiores de 21 anos votarem, o termo *cidadão* não abrangia a mulher, visto que para os constituintes a mulher não era dotada de *direitos*, e por conseguinte não possuíam conhecimento político. Logo, não podiam opinar. Em relação a isso, Wollstonecraft¹ (2016, p. 22) já declarava:

as mulheres não podem ser confinadas à força aos afazeres domésticos; pois, por mais que sejam ignorantes, elas intervirão em assuntos mais importantes, negligenciando os deveres privados apenas para perturbar com truques astutos os planos ordenados da razão, que se elevam acima de seu entendimento.

Embora noutro contexto, o Brasil do início do século XX foi marcado pelo aparecimento considerável de grandes transformações, com a vida da sociedade brasileira caminhando para as reiteradas manifestações de discursos que pregavam sobre direitos e liberdades. Em 1922, ocorreu a fundação do Partido Comunista do Brasil, e nesse ano também aconteceu a Semana de Arte Moderna, movimento que foi de suma importância para a literatura no Brasil e para o fortalecimento de ideologias de grupos que começavam a surgir. Sobre o movimento feminista da época, Pinto (2003, p. 17) pontua:

[...] a tensão relevante no que diz respeito ao feminismo é a derivada de núcleos familiares de pais cultos: famílias de muitas posses algumas vezes produziam filhos eruditos, detentores de títulos universitários. Praticamente sem exceção, é dentro desses núcleos familiares diferenciados que surgiam as principais vozes femininas contrárias à opressão da mulher. Não que havia nessas famílias condutas éticas diversas ou formas alternativas de pensar o papel da mulher, mas um ambiente distinto que possibilitou às filhas o acesso ao mundo culto da leitura e da valorização da educação.

¹ Mary Wollstonecraft, foi uma das principais vozes do feminismo na sociedade inglesa, seu livro a *Reivindicação dos Direitos da Mulher* publicado em 1792 é considerado uma grande referência até hoje para as estudiosas feministas contemporâneas.

Percebemos, com isso, que os ideais feministas se originaram em lares de famílias abastadas que forneciam as filhas o acesso à leitura e a uma educação diferenciada, distante das instruções das agulhas e bordados. Embora, essas famílias não buscassem pensar no papel da mulher para a sociedade, como destaca Pinto (2003), são esses lares os responsáveis por gerar filhas pensantes possuidoras de uma vasta cultura literária e política, que se voltariam contra a inferioridade feminina.

Desde cedo, as meninas eram ensinadas a brincar de bonecas e de *casinha*. Isso nos remete à convicção que previamente as meninas são ensinadas a reconhecer os seus lugares na sociedade como mães e como donas de casas. Sobre isso, Wollstonecraft (2016, p. 65) afirma:

[...] aventurar-me-ei a afirmar que uma menina cujo espírito não tenha sido reprimido pela inatividade, ou cuja inocência pela falsa vergonha, será sempre travessa, e a boneca nunca chamará sua atenção, a menos que o confinamento não lhe dê alternativa. Meninas e meninos, em resumo, brincariam juntos sem qualquer problema se a distinção do sexo não tivesse sido inculcada antes que a natureza assim o fizesse. [...] à maioria das mulheres que agiram como criaturas racionais ou que demonstraram qualquer vigor intelectual foi concedida acidental permissão para correrem livres – como insinuariam alguns dos elegantes educadores do sexo frágil.

No entanto, esse aspecto estava mudando e embora não fossem ainda ensinadas a imaginar como deveria ser o papel da mulher na sociedade, já tinham novos horizontes diante dos seus olhos. Além disso, o movimento feminista não lutava apenas por direitos civis, mas também para ampliar seu grupo feminino, realizar manifestações e produções de jornais, visando formular críticas construtivas a seu favor. Compreendemos, então, que mesmo as famílias daquele tempo sendo conservadoras, algumas delas que tinham posses já optavam por instruir as filhas. Podemos citar, nesse exemplo, a escritora Rachel de Queiroz, que foi educada pela própria família. Com bastante antecedência seu pai a ensinou a ler, cavalgar e a nadar; e sua mãe a presenteava com diversos livros.

Em 1910, uma assembleia de mulheres criou o Partido Republicano Feminino. O partido tinha o objetivo de garantir o direito delas no espaço político. O grupo defendia o direito ao voto, além da independência e emancipação das mulheres. Cabe destacar que independência e emancipação são termos distintos, a independência nesse contexto estava relacionada com o direito de agir com autonomia, enquanto a emancipação se referia a possuir os mesmos direitos políticos, econômicos e judiciais que os homens. Em relação à luta das mulheres pelos seus

direitos, Woolf² (2019, p. 42), destaca: “Mesmo que fosse possível afirmar o valor de um dom qualquer num dado momento, esses valores se modificam; dentro de cem anos, as mulheres terão deixado de ser o sexo protegido. Logicamente, participarão de todas as atividades e esforços que no passado lhes foram negados”.

Em 1922, surgia ainda a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. A federação era liderada por Bertha Lutz. A feminista era filha de um cientista brasileiro e de uma enfermeira inglesa. Desde cedo, a jovem estudou em Paris, se formou em Biologia e em Direito. Vale frisar, naquela época apenas as famílias muito ricas podiam sustentar uma jovem em outro país. Bertha Lutz publicava em jornais, fazia frequentes viagens à Europa e sempre estava em espaços de grande fervor aos ideais feministas. A jovem ambicionava pela conquista dos direitos contestados pelo Governo brasileiro à mulher, e, para além das contradições, era ela quem também representava o governo brasileiro em discussões internacionais sobre os direitos das mulheres.

Foi Bertha Lutz quem organizou o I Congresso Internacional Feminista, que aconteceu no Rio de Janeiro, em 1922, e que visava a luta pelos direitos e espaços sociais. No esteio dessas, mais ideias e desejos das mulheres por conquistarem espaços novos, de serem alfabetizadas, educadas, de votarem e de possuírem na sociedade lugar de mais representatividade. Embora naquela época não houvesse meios de comunicação mais eficazes, as ideais feministas se proliferavam e novos grupos e estados passavam a se formar para lutar pela mesma causa. Pinto (2003) evidencia que mulheres de diferentes estados se destacaram na representação da federação, entretanto, a maioria dessas mulheres eram oriundas de famílias de intelectuais, políticos, militares, entre outros.

Cumprimos enfatizar que o movimento feminista que acontecia e os grupos femininos que surgiam não tratavam apenas de mulheres com ideias consideradas ousadas para época, mas de ideologias pertinentes para uma nova história. Essas associações recém-formadas significavam sementes e frutos de um novo mundo. Além disso, pontuamos que a luta pelo direito ao voto feminino acontecia de diversas formas; várias mulheres tentavam se alistar como candidatas e eleitoras. As mulheres que outrora *deviam* apenas se contentarem em se casar, estavam agora ocupando novos espaços. Em 1932, uma nova Lei outorgava à mulher o direito de votar e ser votada, entretanto, esses direitos eram limitados. Votava-se com autorização do marido e se viúvas, ou solteiras, se tivessem renda própria. Apenas em 1965, a mulher brasileira teve seu direito político igualado ao do homem.

² Virginia Woolf, foi uma ensaísta, escritora e editora britânica. Filha de Leslie Stephen, recebeu uma educação sofisticada, participando desde cedo do universo literário.

No decorrer do século XX, as ideias feministas que se espalhavam iam rompendo barreiras de preconceitos contra as mulheres, o que consentia que parte delas se manifestasse em público. Vale ressaltar que muitas famílias que buscavam educar suas filhas, educar no sentido de ensinar variados tipos de leituras, a fim de construir seres pensantes, não se consideravam a princípio defensores do movimento. No entanto, era justamente nesses lares *não feministas* que se registravam ocorrências mais radicais sobre o papel da mulher na sociedade e a opressão masculina que sofriam.

Rachel de Queiroz, escritora de destaque deste trabalho, declarou em entrevista³: “Eu nunca fui feminista” (QUEIROZ, 1991). Pressuposição essa que cai por terra se formos analisar toda a sua obra e estudarmos quantas vezes a personagem feminina e a sociedade da qual deriva foram colocados em questão. Diante dessa afirmação, podemos destacar também que as jovens da época que vinham de famílias mais abastadas possuíam ambientes que favoreciam o culto à leitura e o acesso à educação para meninas, mas não existia ainda modos de pensar sobre o dever da mulher ou o lugar que ela deveria ocupar na sociedade.

Nesse sentido, e conforme a sociedade se urbanizava, o Brasil do século XX apresentava o surgimento de novos movimentos de opiniões do qual as mulheres estavam presentes. Durante o final da década de 1940 ao início de 1970, mulheres de classes divergentes lutavam pelas mesmas causas. A luta das mulheres passava acontecer também nos locais mais pobres e elas defendiam melhorias na saúde, escola e educação. As conquistas somadas ao movimento feminista faziam parte de lutas diárias que acontecia, mas nem sempre elas eram ouvidas e, quando se era mulher, pobre e preta, as coisas se tornavam ainda mais difíceis: “ser mulher, ser negro ou pertencer a qualquer outra minoria traz uma carga a mais em relação a ser homem e ser branco” (PINTO, 2003, p. 35).

Ao longo dos anos as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo se tornavam palcos para a formação de grupos de mulheres que se reuniam para debates pertinentes. O ingresso nessas assembleias ocorria por meio de convites concedidos por afinidade, por formação intelectual ou políticas. Conforme Pinto (2003), o feminismo é um movimento que defende a autonomia de mulheres nos seus espaços políticos e sociais. O movimento surgiu em uma sociedade patriarcal na qual as mulheres não possuíam voz ou direito e se estende até a atualidade buscando sempre defender o lugar igualitário da mulher no mundo.

³ Entrevista concedida ao *Roda Viva Retrô*, em 1991, para o programa de televisão da emissora TV Cultura.

2.1 DA EDUCAÇÃO FEMININA NO BRASIL AO PIONEIRISMO DA ESCRITA

É de nosso conhecimento que grande foi a luta das mulheres para conquistar seus direitos e seus espaços na sociedade. Segundo Silva (2011)⁴, a educação feminina no Brasil só começa a ser discutida em meados do século XIX, devido à independência de Portugal e à grande influência que a cultura europeia operava sobre o Brasil. Hoje em dia é fácil imaginarmos nossas filhas em escolas sendo educadas e adquirindo conhecimentos para se tornarem o que quiserem, mas e quanto às mulheres do século XIX? Podiam ler? Escrever? Publicar livros ou exercer qualquer outra profissão?

De acordo com Cunha (2015)⁵, o dever da mulher brasileira no século XIX era o dever doméstico. A leitura não era objeto para jovens mulheres e ler podia ser desvirtuoso e corromper a moral das moças. Aos quinze anos, já deviam estar casadas; e se passado disso já podiam ser consideradas velhas para arranjar um marido. O casamento era o momento mais importante da vida de uma mulher, casar era a única prioridade, pois eram preparadas desde sempre para esse feito. A Igreja Católica ditava as regras e as mulheres deviam receber educação apenas para cuidar do lar e do marido. Esperava-se com isso que *os valores morais das famílias fossem preservados*. Muitas famílias se baseavam nesses pensamentos conservadores e acreditavam que suas filhas não tinham necessidades de conhecer algo além dos seus deveres. Logo, não importava o desejo da moça, apenas sua função social de ser esposa e mãe. O resto não era apropriado para as meninas.

Cabe frisar que quando concedido o direito da leitura para mulheres, havia restrições. Sendo assim, o tipo de leitura que as jovens podiam fazer era sempre vigiado e só era concedido leituras de tipo religiosas ou periódicos sobre moda e família. Duarte (2010)⁶ ressalta que ao longo do período colonial praticamente não havia escolas; apenas os seminários e os conventos forneciam ensinamentos para aqueles que pretendiam adquirir conhecimentos. No entanto, a vinda da corte ao Brasil trouxe diferentes ideias para a população. Juntamente com a corte vieram professores franceses e portugueses que objetivavam instruir as meninas das famílias

⁴ Joana Angélica de Sousa da Silva, autora da dissertação de mestrado: *Álbum de Leitura de Rachel de Queiroz*, publicado em 2011 e apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal do Pará.

⁵ Karolina Dias Cunha, mestre e autora do artigo: *Mulheres brasileiras no século XIX*, publicado em 2015 no evento: Anais de Encontro Nacional do GT Gênero/ ANPUH.

⁶ Constância Lima Duarte, escritora, doutora e pesquisadora em Literatura Brasileira, criou o projeto *Literatura e Feminismo no Brasil: trajetória e diálogo*. Publicou, em 1995, o livro sobre a também escritora Dionísia Gonçalves Pinto, intitulado de *Nisia Floresta*.

mais ricas. E, aos poucos, o ato de educar alguém do sexo feminino deixou de ser visto como algo absurdo e passou a ser necessário.

Em 1838, Nísia Floresta⁷ inaugurava o primeiro colégio do Brasil voltado para a educação feminina. Na escola, as meninas aprendiam a ler, escrever, bordar, contar, ensinava-se a gramática, o latim, italiano, francês, dentre outras coisas. Duarte (2010) evidencia que a escola trouxe grandes avanços para a época, mas muitas pessoas criticavam o ensino de tais temáticas para meninas, visto que os colégios femininos que já existiam naquele período limitavam-se ao ensino de habilidades domésticas.

No entanto, com o fervor das mudanças que a sociedade do século XX vivia, gradualmente surgia a aprovação de que para haver evolução em uma sociedade é necessário que a mulher, assim como o homem, receba educação. Desse modo, garantir a educação para jovens mulheres foi a primeira etapa para tirá-las da posição de inferioridade que as assolava desde sempre. E embora ocorresse agora um novo ponto de vista sobre a educação que as mulheres precisavam possuir, para grande parte das famílias daquele tempo essa educação ainda não era tida como objeto para formar meninas *pensantes* e capazes de escolher seu próprio lugar na sociedade, mas sim para tornar as moças *interessantes* para arranjar um marido e um casamento bem-sucedido.

Veja que, desde o início, a educação feminina foi concebida a partir de uma visão romântica, calcada na religião e na moral, necessária para estimular a dignidade e preparar a futura mulher para assumir suas funções de mãe e de esposa junto à família. Tal projeto ficava bem distante, portanto, de um projeto de formação intelectualizada, reservada ao segmento masculino da população. A elas bastava o ensino primário e o desenvolvimento das habilidades manuais (DUARTE, 2010, p. 19).

Nesse contexto, as jovens das famílias mais abastadas tinham acesso à educação nas escolas que aceitavam meninas ou recebiam instruções na sua própria casa sob supervisão dos pais. Por outro lado, as moças das famílias mais pobres não possuíam condições de estudar, uma vez que precisavam ficar em casa cuidando dos deveres do lar e se fossem negras, maior ainda era a dificuldade para obter educação. Duarte (2010) afirma também que a luta pela educação das mulheres foi demasiadamente aceita por aquelas pessoas que romperam com o ideal do patriarcado, assim como defendia já em seu propósito a Nísia Floresta.

⁷ Pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto. Poetisa, escritora e educadora, é considerada a primeira mulher feminista a lutar pela educação para meninas no Brasil. Aos vinte e dois anos, escreveu seu primeiro livro: *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (1832). Suas obras são reconhecidas mundialmente por defender os direitos das mulheres.

Ainda de acordo com Duarte (2017)⁸, em 1872, apenas 11,5% das brasileiras eram letradas, isso porque o senso comum da época era contra à educação feminina. Porém, os liberais daquele tempo lutavam por melhorias no ensino feminino, pois acreditavam que só a educação transformava a sociedade. Entretanto, os ideais do androcentrismo⁹ enraizados nas famílias considerava sem fundamento uma jovem possuir uma formação em escolas secundárias e superiores. “Por isso a imposição de uma educação diferenciada como forma de respeitar as ‘diferenças biológicas e morais’ de cada sexo. Aos homens, uma educação que os preparasse para o mundo do trabalho; às mulheres bastava a ‘educação da agulha’, saber se comportar e atuar dentro da casa.” (DUARTE, 2017, p. 24-25).

Conforme afirma Duarte (2017), em obra acima citada, o governo brasileiro, se espelhando nos governos estrangeiros, podemos tomar como exemplo o Governo da Inglaterra, em 1879, o Brasil, começava a fornecer ensino superior às mulheres nos respectivos cursos de Direito e Medicina. Por determinação religiosa, apenas professoras podiam ensinar às meninas. Apesar disso, a igreja, que outrora não apoiava a educação feminina, acabou por determinar uma possibilidade profissional à mulher. Nesse cenário, tocamos em um ponto crucial do nosso trabalho: a profissão feminina.

Considerando o que foi supracitado, o governo brasileiro tomou por base o governo estrangeiro para conceder o acesso ao ensino acadêmico às mulheres, o nosso trabalho lembra e procura dá destaque a autoras inglesas como Virginia Woolf, Jane Austen e Mary Shelley, visto que são pioneiras e influenciadoras para a fomentação da crítica e escrita feminista/feminina no Brasil.

Como já destacado na nossa pesquisa, o único dever da mulher seria o de cuidar da casa e dos filhos. Quando menina, o pai ditava as regras sobre o que ela podia ou não fazer. Quando casada, o marido dizia o que essa mulher poderia fazer, se poderia estudar, o que poderia ler, tudo era decisão do marido. Mulheres não deveriam trabalhar e isso era visto com maus olhos pela sociedade. Além disso, o homem era considerado o pilar da família e trabalhar era dever e honra dele. No livro *Um teto todo seu*, de Virgínia Woolf, publicado em 1929, a autora busca exemplificar como as mulheres deveriam conquistar uma autonomia em um ambiente profissional (econômica), especificamente se pretendiam ser escritoras. Woolf (2019) descreve a situação de uma mulher de classe média que se vê desamparada ao perder seu marido. A

⁸ Da mesma autora de Nísia Floresta (1995), Constância Lima Duarte publica, em 2016, o livro *Imprensa Feminina e Feminista no Brasil: Século XIX*. Obra responsável por reunir cerca de 143 revistas e jornais que destacavam a mulher como público-alvo.

⁹ Tendência que ressalta as ideias e pensamentos masculinos, especificamente os machistas, conservadores e moralistas.

senhora Aphra Behn busca ganhar a vida através de sua inteligência escrevendo. Para isso, ela se submete a condições iguais a dos homens daquela época.

Uma mulher escrevendo poderia ser um sinal de loucura, de acordo com a sociedade daquele período. Entretanto, Aphra Behn mostrou que era possível ganhar dinheiro escrevendo. Woolf (2019) aponta que ao final do século XVIII, na Inglaterra, algumas mulheres começaram a ganhar dinheiro escrevendo romances, traduções, peças ou ensaios, e assim, passaram a contribuir com as despesas de casa. Afinal, algo poderia acontecer com a família.

A extrema atividade mental que se revelou entre as mulheres no final do século XVIII – as reuniões, a redação de ensaios sobre Shakespeare, a tradução dos clássicos – baseou-se no sólido fato de que as mulheres podiam ganhar dinheiro escrevendo. O dinheiro dignifica aquilo que é frívolo quando não é remunerado (WOOLF, 2019, p. 63-64).

Mulheres começavam a escrever em uma sociedade totalmente patriarcal e que na maioria das vezes não aceitavam seus escritos, pagavam pouco ou não davam créditos ao trabalho delas. Conforme Woolf (2019), a mulher ao fim do século XVIII e início do século XIX, para ter sucesso no ramo da escrita, precisava antes de tudo de uma boa base financeira se quisesse ocupar esse espaço. Além de um ambiente reservado para sua produção. Heller (2006)¹⁰ esclarece que embora a mulher tenha conquistado o seu espaço de leitora e mesmo que essa mesma mulher tenha uma biblioteca e seu próprio escritório, para um homem ela sempre seria vista como uma mulher de conduta e moral duvidosa.

A questão é que mesmo conseguindo sua *independência* com a escrita e trabalhando árduos anos, grande parte das escritoras daquele tempo mal conseguia dinheiro para se manter. Além disso, na maior parte dos casos elas publicavam suas obras anonimamente ou utilizam pseudônimos. Isso acontecia por inúmeros motivos: porque editoras não aceitavam publicar livros de autoria feminina, o livro poderia ser mais vendido se não soubessem que havia sido escrito por uma mulher e até mesmo para preservar a ética e moral da família.

Por isso, a importância de se ter dinheiro para conquistar seu próprio espaço em um mundo onde só os homens governavam, como destacado por Woolf (2019). Essa discussão é abordada no filme *Adoráveis Mulheres* (2019), inspirado no livro *Mulherzinhas*¹¹ de Louisa May Alcott. O filme relata a história de uma jovem escritora e suas três irmãs. Quando seu pai

¹⁰ Barbara Heller, escritora, pesquisadora e autora do livro *Da pena à prensa: Mulheres e leitura no Brasil (1890-1920)*. Publicado em 2006.

¹¹ Publicado pela primeira vez nos Estados Unidos, em 1868. A obra é de grande sucesso e já foi adaptada para o teatro, o cinema e a televisão.

se junta à Guerra Civil Americana, Jo enxerga nos seus escritos uma possibilidade de ganhar dinheiro e ajudar sua família. Para isso, ela vende histórias sem se identificar. Jo almeja conquistar o seu lugar na sociedade como escritora, na medida que deseja possuir direitos iguais aos dos homens de escreverem o que quiserem e de ganhar muito dinheiro com isso. No entanto, apesar de trabalhar duro o dinheiro dos seus livros mal dá para manter a família e seguir carreira de escritora. Apenas quando sua tia morre e lhe deixa uma pequena fortuna é que Jo acaba alcançado o seu sonho de se tornar uma escritora renomada.

O poeta pobre não tem hoje em dia, nem teve nos últimos duzentos anos, a mínima chance... uma criança pobre na Inglaterra tem pouco mais esperança do que tinha o filho de um escravo ateniense de emancipar-se até a liberdade intelectual de que nascem os grandes textos. [...]. A liberdade intelectual depende de coisas materiais. A poesia depende da liberdade intelectual. E as mulheres sempre foram pobres, não apenas nos últimos duzentos anos, mas desde o começo dos tempos. As mulheres têm tido menos liberdade intelectual do que os filhos dos escravos atenienses. As mulheres, portanto, não têm tido a mínima chance de escrever poesia (WOOLF, 2019, p. 101).

Nesse contexto, compreendemos que falar de mulheres e escrita sempre foi algo desafiador. Elas não tinham dinheiro, não podiam publicar simplesmente porque eram mulheres, diziam-lhes o que deviam escrever, como deviam escrever e em alguns casos quando publicados os livros ainda eram assinados por um homem. Podemos tomar como exemplo a escritora britânica Mary Shelley¹², a jovem tinha apenas dezessete anos quando fugiu com o poeta Percy Bysshe Shelley. Esse feito causou espanto na sociedade da época e contribuiu para que Mary Shelley ficasse com uma reputação arruinada, visto que Percy Bysshe ainda era casado quando escolheu viver com a moça. Aos dezenove anos, Mary Shelley escreve o livro que chamou de *Frankenstein ou Prometeu Moderno*¹³.

No entanto, Mary Shelley enfrenta desafios para publicá-lo. Primeiro, porque não tinha dinheiro e segundo porque as editoras não queriam publicar livros escritos por mulheres. A escritora consegue publicar seu livro em 1818, mas de forma anônima. O livro é bastante criticado pela crítica conservadora do período, mas faz sucesso no teatro. Muitos escritores acreditavam que a obra era do poeta Percy Bysshe, pois, não *poderia* ter sido escrito por uma mulher. Anos mais tarde, o livro é republicado e assinado por Mary Shelley. O mesmo acontece com Rachel de Queiroz ao publicar *O quinze* (1930), alguns escritores se questionaram na época

¹² Filha do filósofo William Godwin e da escritora e defensora dos direitos das mulheres, Mary Wollstonecraft.

¹³ Publicado anonimamente em 1818, é considerado a primeira ficção científica da literatura mundial além de ser o livro pioneiro e precursor da literatura de horror e ficção.

como um livro tão detalhado poderia ter sido escrito por uma mulher. Muitos chegaram a achar que o livro havia sido escrito por um homem, com um pseudônimo feminino. Cabe frisar, que nosso intuito não é menosprezar um gênero ou outro, mas sim, realçar a produção literária feminina. Woolf (2019, p. 84) destaca: “Seria mil vezes lastimável se as mulheres escrevessem como os homens, ou vivessem como os homens, ou se parecessem como os homens, pois, se dois sexos são bem insuficientes, considerando-se a vastidão e a variedade do mundo, como nos arranjaríamos com apenas um?”.

Nesse sentido, podemos traçar vários segmentos de conquistas que aconteceram na vida das mulheres. A luta por direitos que surgiu com o movimento feminista favoreceu o acesso à educação, isso concedeu o direito da leitura para o sexo feminino, o que conseqüentemente ocasionou a produção de autoria feminina. Segundo Duarte (2017), o acesso à leitura fez as mulheres enxergarem todas as possibilidades que a sua condição de gênero poderia realizar. Ler é libertador e isso proporcionou escritos críticos e reflexivos.

No Brasil, acredita-se que a consciência feminista, a literatura e a imprensa, manifestou-se ao mesmo tempo. Duarte (2017) esclarece que os jornais e as revistas foram os principais meios de produção feminina no século XX. “Apenas a partir da década de 1980, quando no Brasil as mulheres tomam de assalto a construção da própria história, o periodismo feminino é ‘descoberto’ e se torna objeto de inúmeros artigos, dissertações, teses e livros” (DUARTE, 2017, p. 17).

Ainda em sintonia com Duarte (2017), podemos dizer que inicialmente foram os homens que produziram os jornais voltados para as leitoras. *O Espelho Diamantino* (1827-1828), que circulou no Rio de Janeiro, é considerado o primeiro periódico inserido no ambiente de produção feminina. O jornal era voltado para a literatura, teatro, política, modas e belas-artes, e era destinado às senhoras brasileiras. Além disso, os primeiros periódicos de autoria feminina apareceram em Porto Alegre, assinados por Maria Josefa Barreto, intitulados de *Idade d’Ouro* (1833) e *Belona Irada contra os Sectários de Momo* (1833-1834).

Em 1852, *O Jornal das Senhoras* (1852-1855) é consagrado como iniciador do periodismo feminino. A folha rodeava pelo Rio de Janeiro e abordava questões dirigidas às mulheres. A publicação causava encanto e espanto nas leitoras, por ser organizado por uma mulher. O jornal se destacava por defender a emancipação feminina, influenciando as mulheres a se conscientizarem do seu valor na sociedade, ao tempo que os periódicos locais apenas distraiam as mulheres que permaneciam em casa. Noronha (1852)¹⁴, declarava:

¹⁴ Juana Paula Manso de Noronha, foi uma tradutora, escritora, jornalista e estudiosa do feminismo no Uruguai, Argentina e Brasil. Organizou e dirigiu *O Jornal das Senhoras* (1852-1855).

Pois a mulher pode ter outra influência que não seja sobre as panelas? Outra missão além das costuras, outro porvir que não seja fazer o rol da roupa suja? [...]. Eis pelo que desejamos a emancipação moral da mulher; porque lutaremos sempre em demonstrar que ela não é inferior ao homem em inteligência, e porque pugnaremos sempre pelos seus direitos desprezados, e pela sua missão desconhecida (NORONHA, 1852, p. 14 *apud* DUARTE, 2017, p. 119).

Duarte (2017) ressalta ainda que os jornais daquele tempo são de suma importância para que possamos compreender a luta das mulheres, uma vez que foi esse o meio utilizado para que elas pudessem se posicionar contra ou a favor de algo na medida que lutavam pela ocupação de seus espaços na sociedade. “De leitoras a redatoras, abrem espaço às vozes femininas antes reclusas às alcovas, e empreendem a transformação hoje perceptível no perfil dessa imprensa: de ‘revistas de moda’ a órgãos de reflexão” (DUARTE, 2017, p. 26).

2.2 A MULHER PERSONAGEM E A MULHER ESCRITORA

No decorrer do século XIX, tem-se notícia de mulheres escrevendo aqui no Brasil, a exemplo de Maria Firmina dos Reis, até então primeira romancista e negra ao publicar o romance *Úrsula*, em 1859, e só mais tarde recuperada pela crítica feminista para a literatura brasileira.

No entanto, a figura feminina já era representada com interesse nos romances daquela época. Assim sendo, haveremos de levar em conta esse cenário ainda árido de produção, discutindo como ocorre a representação feminina na literatura de Rachel de Queiroz, bem como tomando por base dois pontos em consideração: a mulher enquanto personagem e a mulher como escritora.

O homem com sua pena tradicional e canônica não raro apresentava nos seus romances o gênero dela, e já como uma novidade, se imbricando enquanto como leitora. De acordo com Silva (2011), a mulher e sua história com o romance sempre foi presente no imaginário literário. Além disso, como os deveres da casa eram atribuídos à mulher *supunha-se* que ela tinha mais tempo para se dedicar às leituras. Por isso, é comum percebermos que em alguns romances o escritor se dirige a um público feminino.

Entretanto, Heller (2006) destaca que o perfil de leitora da mulher, de 1890 a 1920, foi traçado em dois modos: se fosse boa esposa e mãe, não era boa na leitura; se boa leitora, não servia para casar, visto que não seria uma mãe e uma esposa exemplar. Aos poucos os romances

ficcionalis romperam com a ideia de que uma mulher não seria boa esposa se tivesse muito conhecimento literário. Isso foi possível porque os romances da época construíram personagens que são leitoras, mas que também possuem o sonho de se casar.

Como mulher, a escritora inglesa Jane Austen era uma leitora inquieta. Educada pelos seus pais, desde cedo foi imersa no mundo dos livros. Sua obra *Razão e Sensibilidade*, publicada pela primeira vez em 1811, é considerada um marco da literatura de autoria feminina. O romance dá a voz a figura feminina e discute questões que abordam o casamento como negócios lucrativos na medida que relata as histórias de duas irmãs: Elinor e Marianne. Ambas as irmãs anseiam por encontrar o amor verdadeiro e se casar, mas também podemos notar que são assíduas leitoras:

Conheço nossa biblioteca bem demais para recorrer a ela por algo a mais do que simples divertimento. Mas há muitas obras dignas de serem lidas em Barton Park e há outros de produção mais moderna que sei que posso pedir emprestado ao coronel Brandon. Lendo apenas seis horas por dia, ganharei no decorrer de um ano uma grande quantidade de instruções que sinto agora que me falta (AUSTEN, 2021, p. 369).

A imagem feminina presente nos romances de Jane Austen é cheia de desejos e falas que expressam suas críticas a sociedade da época. No entanto, todas as obras da escritora foram publicadas de forma anônima sendo assinadas apenas como *por uma senhora*. A autora de *Orgulho e Preconceito*¹⁵, vivia em uma sociedade religiosa que não apoiava a mudança moderna do meio industrial. Não seria apreciável, para a sociedade do período uma jovem mulher escrevendo sobre tais assuntos. Suas protagonistas representavam um espelho dos seus ideais. Medeiros (2010)¹⁶, ressalta que embora não houvesse muitas mulheres fazendo literatura a escrita feminina voltava-se para a realidade da época, revelando problemas sociais e humanos daquele tempo.

Em outro contexto, apesar de serem de países e épocas distintas, é possível traçarmos semelhanças entre Jane Austen e Rachel de Queiroz. Além de ambas receberem educação em casa, de início Rachel de Queiroz, assim como Jane Austen, utiliza o pseudônimo de Rita de Queluz, para publicar em jornal. As obras da escritora cearense tratavam da questão do papel da mulher na sociedade, na medida que também denunciava os problemas e a realidade de um

¹⁵ Publicado em 1813, a obra faz críticas à sociedade burguesa da Inglaterra que durante o século XVIII tinha o casamento como negócios lucrativos para as famílias. Enquanto a falta de posses para outras famílias era algo crucial para impossibilitar um casamento de ser realizado.

¹⁶ Lígia Regina Calado de Medeiros, professora e doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tem tese defendida com Rachel de Queiroz e Clarice Lispector, em 2010, constando *O quinze* entre os romances que analisa.

povo, especificamente o nordestino. Mesmo em realidades diversas, as duas escritoras mostravam uma mesma autenticidade.

Ao longo do século XX, no Brasil, escritores como Julia Lopes de Almeida, Lima Barreto, Machado de Assis, Coelho Neto, Aluísio Azevedo, Rachel de Queiroz, entre outros, escreveram obras repletas de mulheres leitoras.

Em *O quinze*, de Rachel de Queiroz, Conceição é a representação de uma jovem de 22 anos, que reside em uma cidade do Ceará. O romance narra a seca de 1915, que ocorreu na região do Nordeste. Podemos identificar na obra que Conceição é apresentada ao leitor como uma moça intelectual, que gosta de livros e que possui como profissão o magistério. “Foi à estante. Procurou, bocejando, um livro. Escolheu uns quatro ou cinco, que pôs na mesma, junto ao farol. Aqueles livros – uns cem, no máximo – eram velhos companheiros que ela escolhia ao acaso, para lhes saborear um pedaço aqui, outro além, no decorrer da noite” (QUEIROZ, 2022, p. 18).

No decurso da narrativa, Conceição se destaca das demais moças do romance por ser instruída nas leituras e por ter seu próprio ofício em uma época que ainda existiam muitos tabus acerca da profissão feminina. Assim, como a escritora da referida obra, Conceição também recebe educação em casa através do seu avô. “E voltou com um grosso volume encadernado que tinha na lombada, em letras de ouro, o nome de seu finado avô, livre-pensador, maçom e herói do Paraguai” (QUEIROZ, 2002, p. 19).

Nesse contexto, compreendemos que Conceição pertence a uma família abastada, já que em tempo algum da narrativa nem ela nem sua avó passam por dificuldades, diferente dos outros personagens do enredo. O fato de ser educada e possuir diversos tipos de livros que abordam questões como religião, feminismo, socialismo e línguas como o francês, comprovam essa hipótese.

No entanto, a avó de Conceição apresenta-se inserida em um universo de leituras que ainda são restritas para moças daquele período e por vezes, contesta e discorda das leituras da neta por acreditar que tais tipos de leitura colocavam *ideias* na mente de Conceição. Podemos observar isso no seguinte diálogo:

- E esses livros prestam para moça ler, Conceição? No meu tempo, moça só lia romance que o padre mandava...

Conceição riu de novo:

- Isso não é romance, Mãe Nácia. Você não está vendo? É um livro sério, de estudo...

- De que trata? [...]

- Trata da questão feminina, da situação da mulher na sociedade, dos direitos maternos, do problema...

[...]

- E minha filha, para que uma moça precisa saber disso? Você querará ser doutora, dar para escrever livros? (QUEIROZ, 2022, p. 132).

Rachel de Queiroz, em seu primeiro livro, apresenta ao leitor uma mulher leitora, mas não qualquer leitora. A protagonista do romance possui um gosto de gêneros definidos, percorrendo vários tipos de literatura, é instigada a se documentar, a conhecer assuntos e deveres da mulher. Além disso, a escritora Rachel de Queiroz quebra com o *padrão normativo* da época de que mulheres só liam romances, uma vez que a heroína do seu livro não se limita só a romances românticos ou leituras religiosas.

Um fato que merece destaque é que Rachel de Queiroz, assim como a protagonista de sua história, era professora e se diplomou bem jovem, aos 15 anos. A autora desde cedo era uma leitora assaz que convivia com os mais variados gêneros literários. Na ficção, Conceição rompe com o ideal de que as mulheres só liam romances; na realidade, Rachel de Queiroz quebra com a ideia de que mulheres não seriam capazes de escrever um belo romance.

3 A CHAMADA GERAÇÃO DE 30 E O ROMANCE DA SECA NO NORDESTE

Antes de tecermos considerações acerca do romance *O quinze*, é necessário compreendermos o contexto no qual a história foi escrita. Importante lembrar que o início do século XX é marcado por apresentar novas ideias na literatura e na arte. Segundo Bosi (2006)¹⁷, houve um rompimento com a psicologia convencional da época que moldava a combinação do ficcionista com o seu próprio eu e com o mundo. Isso assinala a primeira fase do Modernismo no Brasil, que tem como marco inicial a Semana de Arte Moderna de 1922.

É diante desse cenário que a chamada geração de 30, segunda fase do Modernismo no Brasil, se desenvolveu com grandes contribuições para a literatura brasileira. Coutinho (2004)¹⁸, ressalta duas grandes obras que consagram essa fase: *A bagaceira*, de José Américo de Almeida, e *Macunaíma*, de Mário de Andrade. A segunda fase é marcada por um forte florescimento novelístico em duas direções convencionais da ficção brasileira: a psicológica e a regionalista, ambas carregadas por um cunho de brasilidade.

Nessa perspectiva, Coutinho (2004) que estudava a produção literária no Brasil e os acontecimentos que impulsionavam a escrita, ressalta que os romancistas desse período escreviam seus romances de caráter social e territorial, ou o tornavam documentários da situação histórica-social. “A ficção brasileira firmou um compromisso com o mundo brasileiro – a paisagem, os problemas, os tipos sociais, os costumes, o povo, auscultando-os através do provincialismo ou agrupamentos regionais, em missão de testemunho ou documento.” (COUTINHO, 2004, p. 272).

Desse modo, é por meio dos grandes acontecimentos e explosões de ideias do século XX, que surge, então, o Regionalismo. Bosi (2006) destaca que os anos de 30 e 40 são marcados como *a era do romance brasileiro* e as obras desse tempo revelavam as angústias e as novas idealizações que surgiam na sociedade. Para Castello (2004)¹⁹, cinco grandes autores podem ser citados como *romancistas do Nordeste*: José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos.

Nesse panorama, podemos dar ênfase à região do Nordeste, que diante da situação decadente se sobressai com uma literatura inestimável para o Brasil. De acordo com Bosi (2006), entre 1930 e 1945, o painel literário representava, em primeiro lugar, a ficção

¹⁷ Alfredo Bosi, historiador e crítico da literatura brasileira, tendo publicado, entre outros, *História Concisa da Literatura Brasileira* (1982), a que o texto se refere.

¹⁸ Afrânio dos Santos Coutinho, professor, ensaísta e crítico literário. Escreveu a coletânea *A Literatura no Brasil*, publicado entre 1955 e 1971.

¹⁹ José Aderaldo Castello, escritor e pesquisador da literatura no Brasil, autor de *A Literatura Brasileira* (1999), também acima referido.

regionalista, o aprofundamento da lírica moderna e o ensaísmo social. Em consenso com o que diz Coutinho (2004), essa fase pode ser nomeada como: *ciclo nordestino do romance modernista*. Segundo o estudioso, não é possível compreender esse ciclo sem estabelecer sua forte relação de antecessores da tradição de ficção social, que está ligada aos problemas causados pela própria geografia da região.

Além disso, Coutinho (2004) frisa que a região nordestina proporcionava a valorização das tradições culturais e logo o movimento regionalista se difundiu por toda a região. Por isso, considerando o contexto histórico que o Brasil vivia na época de 1930, muitos romances buscaram expor o sofrimento do povo e sua grande força revolucionária.

O quinze, romance de estreia de Rachel de Queiroz, publicado em 1930 e dividido em vinte e seis capítulos, possui uma narração em terceira pessoa e tem como plano histórico a grande seca de 1915 que atingiu a região Nordeste e se passa no território cearense, com destaque para o Quixadá. É possível percebermos que a obra é dividida em duas trajetórias que se entrelaçam. Primeiramente, o enredo nos mostra a impossibilidade do romance entre a professora Conceição e o seu primo Vicente. Conceição era uma mulher independente que aos vinte e dois anos ganhava a vida com sua profissão do magistério, ela morava em Fortaleza e passava as férias com sua avó, mãe Nácia. “Ali tinha a moça o seu quarto, os seus livros, e, principalmente, o velho coração amigo de Mãe Nácia.” (QUEIROZ, 2022, p. 19).

A fazenda da avó de Conceição ficava próxima a de Vicente, por quem a moça nutria sentimentos. Ele era filho de um proprietário de terras, um vaqueiro com típicas características de um homem nordestino. Com a chegada da seca, Conceição convence a avó a morar em Fortaleza. Devido à mudança, tornam-se cada vez mais raros os encontros entre Vicente e Conceição, já que ele opta por continuar cuidando da sua propriedade no sertão. Com o passar do tempo e com os eventuais encontros que acontecem entre os dois, tanto Conceição como Vicente percebem que um relacionamento entre eles não seria possível. Afinal, ela era uma moça culta, moderna, envolvida em questões sociais, amava a sua liberdade e os seus livros. Enquanto Vicente, embora fizesse o seu coração pulsar forte, era o seu total oposto e jamais entenderia as coisas que a faziam brilhar os olhos. “Vicente sempre fora assim, amigo do mato, do sertão, de tudo o que era inculto e rude.” (QUEIROZ, 2022, p. 26).

Enquanto isso, o segundo plano da obra vai descrever os momentos angustiantes e trágicos da família do vaqueiro Chico Bento com sua esposa Cordulina, seus três filhos e a cunhada. Em virtude da seca eles são obrigados a sair da fazenda que trabalhavam e migram para o Quixadá, com destino inicial a Amazônia, mas vão primeiro a pé para Fortaleza. No caminhar da viagem a família passa por diversos sofrimentos, como a fome, a sede e a perda de

filhos “Só talvez por um milagre iam aguentando tanta fome, tanta sede, tanto sol.” (QUEIROZ, 2022, p. 71).

Nesse contexto, a família chega em Fortaleza e diante disso, os dois planos do romance se unem. Conceição, que ajudava as famílias necessitadas no campo de concentração, acolhe a família de Chico Bento e comovida com a triste vida daquele povo implora a Cordulina para ficar com seu filho mais novo de quem era madrinha. A esposa de Chico Bento, por sua vez deixa o menino aos cuidados de Conceição e parte com o auxílio dela para a cidade de São Paulo.

Depois de vários meses, as chuvas finalmente chegam ao sertão, a família de Vicente comemora o novo tempo e Mãe Nácia volta para sua fazenda, Conceição decide ficar em Fortaleza com o afilhado. Inicia-se longe da seca e da fome, um período de esperanças para os sertanejos. Foi assim, que se tornou conhecida na literatura brasileira a narrativa da seca que assolou a região do Ceará em 1915.

Arrigucci (2022)²⁰ ressalta que o romance de Rachel de Queiroz é construído através da personagem Conceição, visto que é por meio dela que a narrativa ganha sentido. Além disso, a obra não se limita apenas à crise da seca, o enredo que é delineado com tons líricos e apresenta características do falar cearense, também revela uma mulher sertaneja na década de 30, que dentro das limitações do seu tempo se sobressai por buscar na sociedade o lugar que até então era negado ao seu gênero.

Ainda de acordo com Arrigucci (2022), é possível percebermos semelhanças entre o narrador e a heroína de *O quinze*. Isso pode ser notado quando levamos em consideração a própria vivência da escritora ao transformar suas lembranças em uma obra cheia de emoção. Ademais, tanto Rachel de Queiroz, como Conceição, se encontram na profissão de professora. Interessante notar que enquanto Rachel de Queiroz escrevia o seu romance, a protagonista da sua história também escrevia um livro sobre pedagogia. Arriguci (2022, p. 186) destaca diante dessas afirmações que: “Rachel fala de dentro do seu mundo como quem sabe. Revela um desejo de conhecer para compartilhar, fazendo da ficção o instrumento do olhar que mergulha no outro para exprimi-lo como parte de si mesmo.”

Diante das considerações realizadas, compreendemos que *O quinze* é uma obra de suma importância para a literatura brasileira e para a produção de autoria feminina, uma vez que esboça com ares modernos a independência e inquietações de uma jovem mulher inserida em um ambiente ainda atrasado quanto a questões femininas e industriais.

²⁰ Davi Arrigucci Jr, escritor, crítico e professor de teoria da literatura. Autor do livro: *O escorpião Encalacrado: a poética da destruição em Julio Cortázar*, publicado em 1973.

3.1 RACHEL DE QUEIROZ, PRODUÇÃO E ALGUMA CRÍTICA

Primordialmente, o nosso trabalho aborda a personagem de uma obra literária, *O quinze*, da escritora brasileira Rachel de Queiroz. Sendo assim, sentiu-se a necessidade de discutir sobre a autora do referido romance cearense.

Em 1910, em Fortaleza – CE, no dia 17 de novembro nasce a filha de Clotilde Franklin e do fazendeiro e juiz Daniel de Queiroz. Sua família reside em uma fazenda no Quixadá. No entanto, em 1913, a família se muda para Fortaleza e em 1915, presenciam uma das mais devastadoras secas da região.

Rachel de Queiroz é educada em casa e aos 11 anos, já era alfabetizada pela própria família. A jovem é matriculada no Colégio da Imaculada Conceição, em Fortaleza, e em 1925, com apenas 15 anos, recebe o diploma de professora. A moça cresce na companhia dos irmãos Luciano, Roberto e Flávio, cercada por uma família amorosa. No decorrer de 1926, nasce sua irmã Maria Luíza, a quem Rachel de Queiroz dedica um amor materno.

Através do pseudônimo de Rita de Queluz, Rachel de Queiroz faz sua estreia na imprensa, no jornal *O Ceará*. Ela escreve, em sete capítulos, um folhetim intitulado de *Histórias de um nome*. Bezerra (2022)²¹ destaca que Rachel de Queiroz desde cedo utilizava a imprensa para manifestar suas aflições: desejava um ensino profissionalizante e se preocupava com os direitos negados à mulher, além de ser envolvida em temas sociais e políticos. Aos dezenove anos, a escritora transforma suas lembranças sobre a seca no livro *O quinze*. Sobre a escrita do romance a literata declara:

E eu então esperava que a casa adormecesse e ia para a sala da frente, onde um lampião de querosene ficava aceso, posto no chão. Estirada de braços no soalho, diante da luz, eu então escrevia; parecia-me que a criação literária só poderia ser feita assim, no mistério noturno, longe do testemunho e dos comentários da casa ruidosa cheia de irmãos. (QUEIROZ, 1976, p. 61).

Nesse contexto, a própria autora passou seus escritos a limpo e só depois de datilografado mostrou-os aos seus pais. Em 1930, *O quinze* era publicado, financiado pelo seu pai. Considerando o cenário histórico da época, acerca do aparecimento de mulheres fazendo literatura, alguns escritores como Graciliano Ramos duvidava que o romance *O quinze* poderia ter sido escrito por uma mulher. O autor da obra *Vidas Secas* acreditava que o nome Rachel de Queiroz era apenas um pseudônimo de um escritor masculino.

²¹ Elvia Bezerra, escritora e organizadora de literatura do Instituto Moreira Salles, escreveu o prefácio para a 118ª edição de *O quinze*, de Rachel de Queiroz, para a editora José Olympio (2022).

Medeiros (2010) destaca que em um meio onde só homens produziam o espanto e a dúvida por uma obra de autoria feminina, não dizia respeito somente a questão de gênero, mas sim ao fato de ser uma mulher escrevendo sobre assuntos sérios. E é nesse cenário movediço, entre as dúvidas sobre a sua autoria, que nascia para o público brasileiro uma nova escritora.

Em concordância com Andrade (2022)²², Rachel de Queiroz, aos dezenove anos, escreve uma obra-prima que descreve a seca exatamente como ela é. A autora emociona o leitor com cenas de ficção da realidade e quando o romance entre Conceição e Vicente termina, isso acontece com uma naturalidade que revela apenas as incompatibilidades humanas.

Segundo Bezerra (2022), Rachel de Queiroz relata em suas obras temas como a seca, a miséria, as histórias da mitologia cearense e a fome. Bezerra (2022) esclarece que para escrever *O quinze*, Rachel de Queiroz se revestiu de uma *roupa feita da terra* e, por isso, o uso de uma linguagem simples, de uma narrativa envolvente e capaz de transportar o leitor para dentro daquele cenário de um sertão seco, onde há fome, sede e morte, e que ainda assim, há esperança e amor. A escritora se consagra na Literatura Brasileira por escrever *a tragédia da seca num romance de mulher*.

A vida da autora, por sua vez, é marcada por diversos acontecimentos importantes. Em 1931, recebe o prêmio Graça Aranha e em 1932 casa-se com o poeta José Auto da Cruz Oliveira, mesmo ano em que publica, pela Livraria Schmidt Editora, seu segundo romance *João Miguel*. No ano de 1933, dá à luz a uma menina a quem batiza de Clotilde. Rachel de Queiroz investe na sua vida intelectual em Maceió, frequenta vários cafés literários na presença de Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Lima, todos escritores já consagrados.

A vida da escritora em Maceió é marcada por dois momentos trágicos: pela perda da sua filha, Clotilde, e pela morte do seu irmão Flávio, aos 18 anos. Em 1937, por meio da editora José Olympio, torna público seu terceiro livro, *Caminho de pedra*. Ao longo do ano de 1939, separa-se do marido e vai morar no Rio de Janeiro, onde publica sua quarta obra, *As três Marias*, considerado seu livro com maior cunho autobiográfico.

Coutinho (2004) frisa que o principal tema nas obras da escritora sertaneja, considerando os problemas sociais nordestinos e os impasses geográficos da região, é o papel da mulher em uma sociedade contemporânea repleta de preconceitos morais e sociais. Para Medeiros (2010), já citada, a qualidade de escrita de Rachel de Queiroz, *no ciclo do romance nordestino* contribuiu para sua consagração na área de Literatura Brasileira, visto que a obra da escritora recorre aos problemas sociais nordestinos para apresentar ao leitor(a) uma mulher de

²² Mário Raul de Moraes de Andrade, escritor e crítico literário. Autor, entre outros, de *Macunaíma* (1928) obra consagrada pela Literatura Brasileira.

autonomia. As mulheres de Rachel de Queiroz, embora estejam inseridas em uma sociedade com raízes patriarcais, são descritas como independentes e a elas não lhes é reservado o termo *inferioridade*.

Em 1940, o amor surgiria mais uma vez diante dos olhos de Rachel de Queiroz²³ e ela conhece e se casa com Oyama de Macedo, com quem vive o resto de sua vida. Escritora de obras famosas, ela também colabora para os jornais *Diário da tarde*, *O jornal e Correio da Manhã*, além de fazer traduções de romances clássicos, como: *O morro dos ventos uivantes*, de Emily Brontë, e da obra *Memórias: infância, adolescência, juventude*, de Leon Tolstói.

Todavia, em 1948, morre seu pai vítima de um infarto e seu irmão Luciano, também da mesma fatalidade. No entanto, sua produção prossegue e nesse mesmo ano ela publica em um único volume as obras: *O quinze*, *João Miguel e Caminho de pedras*. Além desses, publica *A donzela e a moura torta: crônicas e reminiscências*. No ano de 1950, sai o seu quinto romance intitulado de *O galo de ouro*. Três anos mais tarde, lança em livro sua primeira peça de teatro, *Lampião* (1953) que lhe dá o mérito de ganhar o Prêmio Saci.

No início de 1954, logo após a morte de sua mãe, Rachel de Queiroz retorna à fazenda *Não me Deixes*, no Quixadá, onde mora por um tempo. Em julho, de 1958, recebe da Academia Brasileira de Letras, o Prêmio Machado de Assis. Ao longo dos anos, várias de suas peças e livros se tornam filmes/novelas, como: *O padrezinho* (1958), *Vingança* (1958), *A beata Maria do Egito* (1959), entre outros. Esse último, por sua vez, lhe consagra o Prêmio de Teatro do Instituto Nacional do Livro.

Rachel de Queiroz, realiza sua estreia na literatura infantojuvenil em 1969, com o livro *O menino mágico*. Anos depois, em 1975, publica seu sexto romance, *Dôra, Doralina*. Em 1977, com 23 votos, Rachel de Queiroz, vence Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda e se torna conhecida por ser a primeira mulher nomeada para Academia Brasileira de Letras. Além disso, em 1978, *O quinze* é publicado na Alemanha, pela editora Suhrkamp, e no Japão, pela Shinsekai-sha. Em 1980, *Dôra, Doralina* é lançado pela editora francesa Stock, e nesse mesmo ano vai ao ar pela Rede Globo a telenovela baseada no seu livro *As três Marias*.

Após 42 anos juntos, morre em 1982, seu marido Oyama de Macedo. Em 1991, Queiroz rompe com a editora José Olympio e suas obras passam a ser publicadas pela Siciliano. A escritora possui outras obras de literatura infantojuvenil, como: *Andira* (1992) e *Cafute e pena-de-prata* (1986). Ainda em 1992, lança pela editora Siciliano um dos seus romances mais

²³ Estreia em 1945, na revista *O Cruzeiro*, com a *Crônica n°1* que lhe garante um lugar na coluna *Última Página*. Durante trinta anos, semanalmente, Rachel de Queiroz colabora com seus escritos para o periódico.

famosos, *Memorial de Maria Moura*, que viria a se tornar uma adaptação em minissérie para televisão.

Se aproximando dos últimos anos de sua vida, Rachel de Queiroz escreve e publica, em parceria com sua irmã Maria Luiza, o livro *Tantos anos* (1998) e a obra de recordações *O Não Me Deixes: suas histórias e sua cozinha* (2000). A renomada escritora brasileira colecionou em vida prêmios importantes, como o Prêmio Camões (1993), presente dos governos de Portugal e do Brasil, o Prêmio Moinho Santista (1996) pelo copilado de obras, o Prêmio Jabuti (1969), pelas obras de literatura infantil, dentre outros. A sertaneja morreu em 2003, em seu apartamento no Rio de Janeiro.

4 MULHER E REPRESENTAÇÃO EM CONCEIÇÃO DE *O QUINZE*

Ao longo dos séculos XIX e XX, vimos que muitos foram os desafios enfrentados pela mulher para que ela conseguisse o seu lugar de direito na sociedade. O papel que antes lhes era reservado como mãe, e como dona de casa, passou a ser ocupado pela professora, jornalista, escritora, advogada, dentre tantas outras profissões.

Nesse contexto, compreendemos que as diversas mudanças que ocorreram na sociedade, em relação ao lugar da mulher, contribuíram para a construção da protagonista do romance queirozeano.

No início da obra, o leitor se depara com uma protagonista leitora, e embora já seja uma imagem bastante gasta nos romances do século XX, a protagonista de *O quinze* é apresentada como uma leitora entediada por já ter lidos todos os livros de romances presentes na sua estante. Podemos analisar isso no seguinte trecho da obra:

Era uma velha história polaca, um romance de Sienkiewicz, contando casos de heroísmos, rebeliões e guerrilhas. Conceição o folheou devagar, relendo trechos conhecidos, cenas amorosas, duelos, episódios de campanha. Largou-o, tomou os outros – um volume de versos. Um romance francês de Coulevain. E ao repô-lo na mesa, lastimava-se:
- Está muito pobre essa estante! Já sei quase tudo decorado! (QUEIROZ, 2022, p. 18)

Na cena descrita, notamos que Conceição encontra-se desanimada com os seus livros e se lamenta dizendo que sua estante está muito pobre. Nesse momento, o leitor vê uma moça enfadada por saber decorado todos os seus livros de romance. No entanto, a heroína de Rachel de Queiroz, se mostra entusiasmada quando o assunto é outros estilos de gêneros. É apresentado uma Conceição que se embriaga com as narrativas: “Era um tratado em francês, sobre religiões. [...] Conceição ia se embecendo nas descrições de ritos e na descritiva mística, e soletrava os ásperos nomes com que se invocava Deus, pelas terras do mundo.” (QUEIROZ, 2022, p. 19). Temos aqui uma Conceição encantada e entusiasmada, pelas narrativas místicas. Nos parece, afinal, que a imagem de mulher leitora, descrita por Rachel de Queiroz, não é tão gasta assim, considerando o fato da leitora do seu romance apreciar outros tipos de literatura.

Levando em consideração o contexto histórico da época, no qual as moças com 15 anos, já deviam estar casadas “Conceição tinha vinte e dois anos e não falava em casar” (QUEIROZ, 2022, p. 20). Entretanto, isso não quer dizer que a moça não queria casar, pois ela tinha sentimentos pelo seu primo Vicente, no entanto, casar-se não era prioridade para Conceição como era para as moças do seu tempo, ela mesma se conformava em dizer que havia nascido

para ser solteira. Sua avó, Mãe Nácia, achava aquilo um absurdo que moça poderia não querer casar? “Esta menina tem umas ideias!” (QUEIROZ, 2022, p. 20).

Com o desenrolar da história, compreendemos que a avó de Conceição acredita que as *ideias* da neta venham dos livros que lê, já que no seu tempo diferentemente do de Conceição só se lia leituras de cunho religioso. Mas então de quem Conceição teria herdado o gosto pelas leituras? Ou melhor, pelos mais variados tipos de leituras? A mocinha, que em parte concordava com a avó, sobre ter umas ideias herdara o apreço pela literatura do seu finado avô. Desse modo, notamos que Conceição não pode ser considerada dessemelhante das outras moças apenas pelo seu hábito de ler, mas sim pelo meio onde estava inserida. Aprendeu com o avô a apreciar as letras e mesmo sua avó não entendendo por que precisava saber de tanta coisa, Conceição buscava se documentar, entender o seu lugar naquele sertão.

Conceição talvez tivesse umas ideias; escrevia um livro sobre pedagogia, rabiscara dois sonetos, e às vezes lhe acontecia citar o Nordau ou o Renan da biblioteca do avô. Chegara até a se arriscar em leituras socialistas, e justamente dessas leituras é que saíam as piores das tais ideias, estranhas e absurdas à avó (QUEIROZ, 2022, p. 20).

Além disso, Medeiros (2010) destaca que o fato da heroína da obra morar em outra cidade, possuir sua profissão como docente e ganhar o seu próprio dinheiro, contribui para o desenvolvimento de uma personagem autônoma, criando a imagem de uma mulher independente em oposição as outras moças do romance. De acordo com Medeiros (2010), ainda, Conceição cresceu com a avó, sem os pais por perto, a moça desde cedo aprendeu a conviver sozinha e desenvolveu habilidades para se opor aos padrões da época, sobretudo no que concerne à família, trabalho e casamento.

No entanto, romper a bolha, tida como ideal²⁴ na época de Conceição, exigia um preço. Ela pensaria com razão ou com a emoção? O fato é que Conceição amava Vicente, e Vicente a amava, então por que não ficavam juntos de uma vez? Embora fossem muito diferentes, para Vicente “Havia de ser quase um sonho ter, por toda a vida, aquela carinhosa inteligência a acompanhá-lo.” (QUEIROZ, 2022, p. 53). O que acontece é que como sabemos, Conceição era uma moça culta, envolvida com livros, cheia de pensamentos, ideias e livre. Conceição voou para longe quando foi morar fora e buscar o seu sonho de ser professora, Vicente era *pé no chão* metido com bichos, ele queria estar ali, naquela terra no sertão. E ela era acostumada a viver sozinha, a ser livre.

²⁴ No que se refere a temas como o casamento e família.

Podemos perceber isso no seguinte trecho da obra, quando Conceição é questionada por Vicente sobre ter voltado para casa sozinha:

- Mas eu, é porque sou uma professora velha, que vou para o meu trabalho! Uma mocinha bonitinha não passeia só, não!
Ele ainda disse, levado pelo seu zelo de matuto:
- Pois mesmo assim, *professora velha*, como diz, se eu lhe mandasse, só deixava sair com uma guarda de banda... (QUEIROZ, 2022, p. 83, grifo da autora).

Será que ela, que era tão acostumada a ser sozinha, a sair, a ter sua liberdade, estaria pronta para ter alguém lhe *mandando*? São situações, como essa, responsáveis pelo fim do romance do casal. Quando Conceição toma conhecimento de Vicente com conversas com outra mulher, isso contribui ainda mais para a instabilidade do casal:

E no fim, tudo isso é natural e de esperar, e a gente se acostuma à força...
[...]
- Minha filha, a vida é assim mesmo... Desde que o mundo é mundo... Eu até acho os homens de hoje melhores.
Conceição voltou-se rápida:
- Pois eu não! Morro e não me acostumo! É lá direito! Olhe, Mãe Nácia, eu podia gostar de uma pessoa como gostasse, mas sabendo duma história assim, não tinha santo que desse jeito! (QUEIROZ, 2022, p. 70).

Temos conhecimento que Conceição e sua avó, são de tempos distintos. Para avó de Conceição aquilo era algo natural. Para viver com um homem, as mulheres de antigamente tinham que aguentar muita coisa, *engolir muitos sapos*, com um tempo elas se acostumavam. A realidade é que elas viviam sujeitas, como sabemos na época de Mãe Nácia, era natural que os homens tivessem tais costumes, como não era comum o divórcio, elas aturavam. Afinal, era muito feio uma mulher separada. Conceição, sendo de outro tempo, achava aquilo um absurdo e acreditava que para tal acontecimento *santo nenhum poderia dar jeito*.

No entanto, algo maior desencadeou o término do romance. As leituras de Conceição, seu gosto pela literatura, pelos seus livros, decidem o futuro do casal. Quando Conceição reflete sobre o que sua avó diz, que aquilo era algo comum para os homens e que ela deveria aprender a conviver com isso, visto que no seu tempo também foi assim, a heroína do romance queirozeano a compara com “àquelas senhoras de alma azul, de que fala o Machado de Assis...” (QUEIROZ, 2022, p. 87). E foi nesse momento que Conceição deu-se conta de que seu amado jamais lera o Machado e parece que um abismo se abriu entre eles. As coisas que eram importantes para Conceição, não eram para Vicente. Suas ideias, seus pensamentos, seus

romances, os jornais, tudo o que a fazia brilhar os olhos e encher seu coração de felicidade não possuía valor para Vicente.

Desse modo, o sonho de tê-lo ao seu lado ficou longe, distante e se tornou algo que nunca poderia ser real.

Pensou no esquisito casal que seria o deles, quando à noite, nos serões da fazenda, ela sublinhasse num livro querido um pensamento feliz e quisesse repartir com alguém impressão recebida. Talvez Vicente levantasse a vista e lhe murmurasse um ‘é’ distraído por detrás do jornal... Mas naturalmente a que distância e com quanta indiferença... Pensou que, mesmo o encanto poderoso que a sadia fortaleza dele exercia nela, não preencheria a tremenda largura que os separava (QUEIROZ, 2022, p. 88).

Considerando a citação acima, compreendemos que embora os sentimentos sejam recíprocos, Vicente seria incapaz de preencher a lacuna que ficaria entre eles. Isso pode ser explicado no fato de Conceição ser acostumada a viver sozinha, com suas ideias, convicções e limites. Medeiros (2010, p. 130), destaca que Conceição rompe com “[...] o ‘espírito feminino legítimo’, uma vez que recusa o *ideal* de casamento das moças daquele tempo.

Rachel de Queiroz denuncia, em *O quinze*, a dura realidade da seca. A família de Chico Bento passa fome e necessidade. As crianças choram por alimento e morrem pela falta dele. Cordulina, esposa de Chico Bento, não possui em seu peito nem o leite para oferecer ao seu filho. É também diante desse cenário, que é construído o papel social de Conceição. Ela envolvida em causas sociais, ajuda a família de retirantes, bem como ajuda outras famílias buscando abrigo, roupas e alimentos. “Saía de casa às dez horas e findava a aula às duas. Da escola ia para o Campo de Concentração, auxiliar na entrega dos socorros. E só chegava de tardinha, fatigada, com os olhos doloridos, de tanta miséria vista, contando cenas tristes que também empanavam de água os óculos da avó” (QUEIROZ, 2022, p. 80-81).

Segundo Medeiros (2010), em momento algum da narrativa a protagonista de *O quinze*, se encontra paralisada diante das desgraças causada pela seca, pelo contrário ela age, se movimenta, ajuda os outros. Além disso, as leituras de Conceição também a cercam quando o assunto é a seca ou o dever da mulher. A protagonista busca nos livros uma forma de se instruir, enquanto Mãe Nácia acreditava que as moças deveriam ler leituras religiosas, pois, havia sido educada para esses tipos de leituras, Conceição que recebeu do avô uma educação diferenciada, não apreciava as mesmas leituras da avó e lia sobre problemas, direitos, maternidade, questão feminina. Os livros, que outrora pareciam ser uma fuga da realidade e da tragédia que a seca deixava, revela para ela a verdadeira autenticidade das coisas. O que para a avó era considerado tolice, para ela era se documentar.

Outra questão abordada no desenvolver da narrativa é a adoção. Conceição, que era madrinha do filho mais novo de Cordulina e Chico Bento, compadecida com a situação da família, pede o menino a Cordulina que já havia perdido os outros dois filhos. O pai da criança concorda com a ideia relatando que se é do menino morrer “antes botar nas mãos da madrinha, que ao menos faz o enterro...” (QUEIROZ, 2022, p. 110). Conceição cuida do afilhado e faz o possível para mantê-lo vivo. A heroína da obra desenvolve pela criança sentimentos maternos. “Conceição toda se desvelava em exageros de maternidade. E a avó, vendo o cuidado dela, e o carinho com que cercava a criança, dizia às vezes: - Ah, menina! Quando acaba, você diz que não é boa para casar!...” (QUEIROZ, 2022, p. 113).

Nessa perspectiva, nos parece que tudo está relacionado ao casamento. E o fato é que estava mesmo tendo em vista o modo como as coisas deviam ser naquele período, no qual as moças deviam casar jovens, pois era o casamento responsável por manter a honra e moral da família. Como bem sabemos, casar não era prioritário para Conceição, mas estaria ela completa? Poderia seus estudos, sua profissão, seu trabalho no Campo de Concentração, preencher tudo em sua vida?

Ao ver Lourdinha, irmã de Vicente, feliz com a filha, Conceição parece concordar com a avó e começa a se sentir solitária. Podemos observar isso no seguinte trecho da obra:

Afinal, o verdadeiro destino de toda mulher é acalantar uma criança no peito. E sentia no seu coração o vácuo da maternidade impreenchida... ‘Vae soli!’
Bolas!
Seria sempre estéril, inútil, só... seu coração não alimentaria outra vida, sua alma não se prolongaria noutra pequenina alma... Mulher sem filhos, elo partido na cadeia da imortalidade... (QUEIROZ, 2022, p. 156).

Diante disso, compreendemos que nada parecia mais fazer sentido para Conceição, visto que toda mulher deveria confortar uma criança no peito, mas se ela era uma mulher sem filhos, isso lhe tornava menos mulher? Poderia esse feito anular todas as outras coisas de sua vida? É interessante notar, que o nome Conceição, significa *conceber* e a partir do momento que a protagonista do romance não gera um filho, ela rompe com o padrão tido como esperado. Primeiro, porque carrega a concepção no próprio nome e segundo por ser mulher.

Porém, quando Conceição vê Duquinha lhe chamar e vir até o seu encontro, ela se sente preenchida e o vazio que assustava o seu ser desaparece. “Afinal, também posso dizer que criei um filho...” (QUEIROZ, 2022, p. 157). Ela não era menos mulher, nem menos mãe, ela era completa em todos os sentidos e quesitos. A obra também apresenta por meio da personagem

uma nova visão de família, tendo em vista que Conceição forma com o afilhado uma pequena família, sem necessariamente precisar casar.

Medeiros (2010) ressalta que a personagem é a imagem de uma mulher em processo de construção social e não podemos afirmar se a própria protagonista se representa, já que todos esses conceitos de mulher ainda são considerados novos para a época do romance. Na literatura, a heroína da obra ganha destaque por estudar, trabalhar, buscar seus direitos, ser independente, e por não se deixar levar pelas convicções daquele tempo.

Concluimos, portanto, que os problemas sociais e geográficos da região Nordeste, bem como o ambiente, as leituras, a profissão, dentre outras coisas, auxiliaram na construção da personagem e serviu de pano de fundo para que ela retratasse o papel da mulher na sociedade. A imagem feminina representada por Conceição, se refere a uma mulher autônoma, docente, sertaneja, com pensamentos e opiniões, que a diferenciam das demais mulheres do seu tempo, ainda assim, ela é a identidade de uma mulher no século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou compreender como se deu a representação da mulher e a construção dela em sociedade, através do percurso da personagem Conceição, do romance *O quinze*, de Rachel de Queiroz. Para tanto, se fez necessário conhecermos a relevância do feminismo no Brasil. Além disso, se tratando de uma personagem de obra literária em um romance de mulher, foi essencial discutirmos sobre a representação feminina na literatura, destacando a educação para mulheres e a produção de autoria feminina.

Para atingirmos o objetivo geral da nossa pesquisa, buscou-se analisar a obra *O quinze* e entender como Conceição, que é mulher, leitora, professora, escritora e sertaneja, se comporta dentro das temáticas referentes à família, casamento e maternidade.

Rachel de Queiroz é responsável por publicar em 1930, um livro que além de abordar a questão da seca no Nordeste, retrata o desenvolvimento de uma mulher autônoma que, embora, esteja em uma sociedade cheia de regras, ideias e preconceitos, não se paralisa diante das situações que acerbam, e busca desse modo, o que é ideal para si mesma.

É diante dessas questões, que percebemos que a mulher representada por Conceição, constitui sua formação social, também devido a fatores reais, referentes à educação feminina, aos tipos de leituras aceitáveis para moças, ao direito de ir e vir sozinha, o que colabora para o avanço da personagem. Conceição não é apenas a figura de uma mulher moderna e emancipada, ela é a identidade de uma mulher real. É por meio disso, que identificamos que as produções de autoria feminina trazem para dentro do texto uma mulher de verdade em constante processo de evolução.

Por meio dos aspectos analisados, foi possível comprovar que às leituras da jovem contribuem para sua independência e a concedem uma visão de mundo diferente das demais moças do romance. Conceição lê para se documentar, logo suas leituras permitem a ela enfrentar a realidade à sua volta. A seca serve para que Conceição construa na sociedade o seu papel, como mulher que ajuda nas causas comunitárias, como professora ganhando o seu próprio dinheiro e como mãe quando decide viver a maternidade sem necessariamente precisar de um casamento. Os livros que parecem representar a solidão da protagonista, sempre reclusa com seus pensamentos e opiniões, são, na verdade, sua companhia, além de serem também sua porta aberta para o mundo e para o encontro do seu próprio ser.

O quinze é o romance de estreia de uma mulher em um período no qual poucas mulheres produziam literatura. Elas enfrentaram dúvidas, preconceitos e regras, mas não foram silenciadas. Suas obras estão aí para provar isso. Escritoras denunciaram a realidade do seu

tempo, a realidade das mulheres ao longo dos séculos XIX e XX. Rachel de Queiroz expressou em linhas uma mulher jovem, de personalidade forte, que rompeu o padrão tido como modelo e, ao mesmo tempo, apenas demonstrou que mulheres sempre encontram um jeito de obter os seus direitos e o seu lugar na sociedade, algumas delas são personagens, outras humanas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ana Carla Farias; ALVES, Karina da Silva. As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres. In: IV SEMINÁRIO CETROS. **Anais eletrônicos...**, Fortaleza, 2013, p. 1-9. Disponível em: https://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/69-17225-08072013-161937.pdf. Acesso em: 12 jan. 2023.
- ANDRADE, Mário. Rachel de Queiroz. In: QUEIROZ, Rachel. **O quinze**. 118. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022. p. 171-174.
- ARRIGUCCI, Davi. O sertão em surdina. In: QUEIROZ, Rachel. **O quinze**. 118. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022. p. 175-190.
- AUSTEN, Jane. **Razão e sensibilidade**. Londrina: Livrarias Família cristã, 2021.
- BEZERRA, Elvia. O algodão da terra. In: QUEIROZ, Rachel. **O quinze**. 118. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022. p. 7-14.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CAMINHA, Edimilson. **Rachel de Queiroz: a senhora do não me deixes**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010.
- CASTELLO, José Aderaldo. **A Literatura Brasileira: Origens e Unidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Global, 2004.
- CUNHA, Karolina Dias da. As mulheres brasileiras no século XIX. **Anais do Encontro Nacional do GT Gênero/ANPUH**, Espírito Santo, 2015, p. 1-12. Disponível em: https://legpv.ufes.br/sites/legpv.ufes.br/files/field/anexo/karolina_dias_da_cunha.pdf. Acesso em: 13 mar. 2023.
- DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta**. Recife: Editora Massangana, 2010. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-127357/nisia-floresta>. Acesso em: 15 mar. 2023.
- DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX: dicionário ilustrado**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- GERWIG, Greta. (Dir. Prod.). **Mulheres Adoráveis**. Netflix, 2019.
- GODÓI, Bianca Resende. O regionalismo na obra “o quinze” de Rachel de Queiroz e a crítica ao papel da mulher nordestina em seu tempo e espaço. **Revista de Ciências Humanas**. v. 18, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/8036>. Acesso em: 12 set. 2022.
- HELLER, Barbara. **Da pena à prensa: mulheres e leitura no Brasil (1890-1920)**. São Paulo: Porto de Idéias, 2006.

LOPES, Edivânia Martins. **As (in)subordinações das mulheres protagonistas em O quinze, Dôra, doralina e Memorial de Maria Moura**. 2016. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 2016. Disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3617054. Acesso em: 17 jan. 2023.

MACEDO, Rebeca. Apresentação. In: AUSTEN, Jane (org). **Razão e sensibilidade**. Londrina: Livrarias Família cristã, 2021.p. 9-12.

MEDEIROS, Lígia Regina Calado de. **A metonímia do corpo em Conceição de O quinze**. [s.l], [s.n], 2007. Disponível em:

<http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/L%C3%8DZIA%20REGINA%20CALADO%20DE%20MEDEIROS.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2023.

MEDEIROS, Lígia Regina Calado de. Conceição e Maria Moura: duas heroínas no espelho. **Revista Diadorim**, v. 7, 2010. Disponível em:

<https://doi.org/10.35520/diadorim.2010.v7n0a3912>. Acesso em: 15 dez. 2023.

MEDEIROS, Lígia Regina Calado de. **Mulher, mulheres: tateando o selvagem em personagens de Rachel de Queiroz e Clarice Lispector**. Rio de Janeiro, 2010. 276 f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2010. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/25/teses/754612.pdf>. Acesso em: 10 out. 2022.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. Mary Wollstonecraft e o nascimento do feminismo. In: WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016. p. 8-18 Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4545865/mod_resource/content/1/Reivindica%C3%A7%C3%A3o%20dos%20direitos%20da%20mulher%20-%20Mary%20Wollstonecraft.pdf. Acesso em: 10 mar. 2023.

PINTO, Céli. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

QUEIROZ, Clara. Uma mulher singular. Mary Shelley (1797-1851). **Ex aequo**, Portugal, n. 30, 2014, p. 55-56. Disponível em: https://exaequo.apem-estudos.org/files/2016-08/30_uma_mulher_singular_mary_shelley_1797_1851.pdf. Acesso em: 22 fev. 2023.

QUEIROZ, Rachel. “Como foi escrito *O quinze*”. **Revista da Academia Cearense de Letras**, [s.l.]. n. 37, 1976, p. 59-62.

QUEIROZ, Rachel. **O quinze**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2022.

RETRÔ, Roda viva. Rachel de Queiroz | 1991. YouTube, 7 de março de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zzCoEwnI-Ek&t=3s>. Acesso em: 13 mar. 2023.

SCHMIDT, Augusto. Uma revelação: *O quinze*. In: QUEIROZ, Rachel. **O quinze**. 118. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022. p. 165-170.

SILVA, Joana Angélica de Sousa da. **Álbum de leitura de Rachel de Queiroz**. 2011. 101 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Universidade Federal do Pará, Belém do Pará, 2011. Disponível em:

https://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/2980/1/Dissertacao_AlbumLeituraRaquel.pdf.

Acesso em: 10 abr. 2023.

TAVARES, Ana. Apresentação. In: AUSTEN, Jane (org.). **Orgulho e Preconceito**. Londrina: Livrarias Família cristã, 2021. p. 9-10.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016. Disponível

em:https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4545865/mod_resource/content/1/Reivindica%C3%A7%C3%A3o%20dos%20direitos%20da%20mulher%20-%20Mary%20Wollstonecraft.pdf. Acesso em: 10 mar. 2023.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.